



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA VALÉRIA BAGGIO

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-298

Entrevistada: Maria Valéria Baggio

Nascimento: não informado

Local da entrevista: residência da entrevistada.

Entrevistadora: Roberta Dornelles Cassel

Data da entrevista: 02/09/2012

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner.

Total de gravação: 52 minutos e 21 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de Roberta Dornelles Cassel intitulado *História da Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul – os anos 1980* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção da entrevistada na ginástica rítmica; Formação em Educação Física; Participação no Grupo de Ginástica Rítmica do IPA; Início como treinadora/técnica; Clubes que atuou; Aparelhos para a prática de ginástica rítmica disponíveis em diferentes épocas; Dificuldades em divulgar a modalidade; Disputa de competições nacionais e internacionais como treinadora/técnica; Experiência de tornar atletas em treinadoras/técnicas.

Porto Alegre, 02 de setembro de 2012. Entrevista com Maria Valéria Baggio a cargo da pesquisadora Roberta Cassel para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

R.C. – Então Valéria, como tu conheceu a modalidade de ginástica rítmica?

M.B – Eu fui fazer a faculdade de educação física para ser treinadora de voleibol porque eu era atleta de voleibol, adorava, joguei doze anos. Joguei pelo União¹, fui uma grandíssima atleta, mas sempre participei do voleibol. Entrei na faculdade, desde menina queria ser professora de educação física porque na minha escola, do Estado, o colégio Olegário Mariano², eles faziam educação física no pátio da nossa casa que era muito grande, que era do lado. Então já estava definido que eu faria educação física. Entrando na faculdade que eu fiz na Escola Superior de Educação Física do IPA³... Eu passei na UFRGS⁴ e fiz no IPA, em seguida quando eu passei na faculdade eu queria trabalhar e não podia por que tendo a faculdade de dia... Como eu passei nas duas eu escolhi o IPA, porque eu queria já durante o dia trabalhar. Quando eu comecei a fazer a faculdade, a gente tem que fazer todos os esforços... Então naquele refeitório do IPA ainda a gente fazia ginástica, a cadeira de ginástica com a professora Vera Lúcia Angheben⁵. Acho que foi no primeiro ano, ou no segundo, ela falou para nós que tinha esse GRUGIPA⁶, que era um grupo de meninas das faculdades dos anos mais superiores, eu recém estava entrando na faculdade. Participavam para divulgar essa nova modalidade que tinha aqui no Rio Grande do Sul que se chamava Ginástica Rítmica Desportiva. Então como nós tínhamos que fazer, toda minha turma fazia, eu sabia que tinha, mas eu nunca fui atrás, nunca fui ver, porque eu nunca me achei capaz de ser uma boa professora de ginástica rítmica muito menos de ser uma atleta de ginástica rítmica... Jogadora de voleibol de muitos anos, não tinha nem a graça e a fineza de ser. Eu não me lembro bem como aconteceu, a Vera falou que eles já viajavam pelo Rio Grande do Sul, principalmente para o interior para divulgar essa ginástica. Então ela chegou na aula, eu não me lembro quem, alguém se machucou no grupo dela, ou quebrou um braço ou quebrou uma perna, não me lembro como é que foi a coisa e essa pessoa... E

¹ Grêmio Náutico União.

² Escola Estadual de Ensino Fundamental Olegário Mariano, em Porto Alegre (RS).

³ Rede Metodista de Educação do Sul.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Vera Lúcia Zamberlam Angheben.

eles tinham uma turnê muito grande já arrumada. Ela estava procurando na nossa sala de aula voluntários que pudessem substituir essa pessoa. Eu sei que essa coisa ficou muito na minha cabeça e eu digo: “Bah! Eu já sou ruim, se eu ajudar a professora...” Sabe aquele esquema que a gente pensa: “Quem sabe eu vou aprender mais ou então ela vai me dar uma nota melhor”. A gente sempre pensa nisso, e ela disse: “Acho que tu poderia fazer...” ela olhou para mim. E como nós estávamos numa sala de aula com muita gente eu virei para trás para ver com quem ela estava falando, e ela disse: “Não, é tu mesmo”. Eu fiquei assim, mas não pensei duas vezes, era isso que eu estava pensando na minha cabeça e fui. Eu não me lembro quantas vezes a gente ensaiou porque eu não sabia nada e eu sei que esse grupo tinha um monte de coreografias, sempre as mesmas gurias. Tinha a Tânia⁷, tinha a Margareth de Biasi,⁸ tinha um monte de gente já bastante conhecido, gente com preparo de balé, “quem era eu para estar no meio?” Mas enfim eu fui, eu me lembro que nós treinávamos tanto, tanto e eu tinha que aprender... A gente saía de uma coreografia para outra, eu tinha vontade de vomitar porque eu não era preparada para isso. Mas a partir daí eu não sai mais do Grupo e isso virou quase uma paixão, e eu acho que essa paixão que a Vera tinha por isso passou muito para nós, não para todas, mas passou. Para mim passou assim incrivelmente, porque eu me apaixonei pelo esporte e ele passou a ser minha vida.

R.C. – Então a tua entrada no GRUGIPA foi em 1972 quando ela criou o Grupo ou foi posterior?

M.B – Eu acho que foi em 1973. Porque já tinha o Grupo, quando eu entrei, entrei na faculdade em julho de 1972 e não foi logo em seguida que eu entrei, eu acho que foi em 1973.

R.C – Certo. E depois de formada, tu já começou a trabalhar direto com ginástica rítmica?

M.B – Não. Eu comecei antes de me formar. Pela proximidade da escola que eu estudei o lado da minha casa, mesmo que a escola depois trocou de lugar, foi para outra quadra, eu era bastante conhecida na minha zona, nos meus endereços da minha vida que foram trinta

⁶ Grupo de Ginástica Rítmica do IPA.

⁷ Tânia Mara Barcellos.

⁸ Ginásio Tesourinha em Porto Alegre.

e oito anos que eu morei ali no Floresta⁹. Então eu me ofereci para dar aula de graça e a professora de educação física prontamente: “Bah! Que legal!” Então tudo que eu aprendia na faculdade eu passava imediatamente para a ginástica porque se tem uma coisa que eu acho que eu sempre tive muito é de ser professora, eu tinha que ser professora, principalmente de esporte, talvez não seria a ginástica, mas eu me adaptei muito e até hoje é a minha paixão. Eu dei essas aulas lá e nunca mais saí, em seguida eu consegui um contrato na prefeitura¹⁰ ... Não, primeiro eu trabalhei no Colégio Santo Antônio¹¹, sempre como estudante, Colégio Santo Antônio, Colégio Rainha do Brasil¹² e fui trabalhar na Restinga¹³ pela prefeitura quando recém estavam implantando o Centro de Cuidados da Restinga, aquele atendimento que as crianças tinham. Quem saía da escola de tarde tinha esse atendimento. Dei ginástica rítmica. Entrava com as meninas, tinha uma colega, a gente se dava super bem, então ela pegava os meninos e eu podia fazer ginástica rítmica a mãos livres que a gente fazia, as vezes a gente pegava umas bolas de vôlei e fazia com bola, corda também tinha. Então eu fui sempre trabalhando nisso justamente como uma atividade extra para eles, mas sempre dentro da ginástica rítmica.

R.C. – Certo. Como eram os aparelhos utilizados nas aulas?

M.B – Essas aulas ou as aulas do GRUGIPA?

R.C. – Todas as aulas assim dessa época.

M.B. – Digamos que, tu imagina trabalhando na Vila Restinga o que eu tinha? Nada. Eu usava praticamente tudo mãos livres que era sem aparelho, aqui na Escola Olegário Mariano que é quando eu comecei as mães compraram, cada aluna comprou sua bola de borracha aquela bem dura, bem pesada, só que era tamanho doze, parece, e a gente foi trabalhando com aquilo, depois na faculdade eu aprendi como fazer a fita¹⁴, pauzinho de cabide, aquele ganchinho que tem um parafuso na ponta, ganchinho de pesca e tu fazia o *nylon*, passava dentro da fita, minha mãe fazia as fitas para mim. E a gente foi indo e a

⁹ Bairro Floresta.

¹⁰ Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

¹¹ Colégio La Salle Santo Antônio.

¹² Escola de Educação Básica Rainha do Brasil.

¹³ Vila Restinga.

coisa digamos assim era um aparelho fácil de fazer e que a gente conseguiu introduzir dentro do esporte, mas o resto não tínhamos, massa, arco, a bola era aquilo que era, mas dava já para dar ideia.

R.C. – Como foi a tua entrada em clubes? Já trabalhando com equipe, formação de ginastas?

M.B –Durante ainda a faculdade eu fiz alguns cursos no Rio de Janeiro, curso de juíza, essas coisas e fui entrando. Depois quando eu me formei em 1975 teve o curso de aperfeiçoamento em ginástica rítmica no IPA que foi um ano. Então eu fiz esse curso. Já dentro do curso comecei, já existia a Federação de Ginástica e eu já estava formada, então estava procurando emprego, consegui um contrato do Estado, acho que era doze horas, eu não me lembro mais, sei que era pouquíssimo. Em seguida eu fui trabalhar no CETE¹⁵ e eu fui trabalhar lá, eu acho até porque eu já tinha uma especialidade que lá não tinha. Eram poucas professoras especializadas nesta área. Essa modalidade já tinha no Colégio Anchieta com a professora Zelira Mendes Eichenberg, então esses pontos pequenos começaram a dar frutos e em seguida... Como eu frequentei muito o Grêmio Náutico União como atleta de voleibol, meu tio fazia parte da ginástica e da associação lá do União, ele me colocou em contato com a direção e eu pedi um favor, porque como ia ter a primeira competição da Federação¹⁶ eu consegui através que eles me dessem a permissão de eu competir pelo União, porque nas escolhinhas do clube não tinha a modalidade ainda, mas eu trabalhando no CETE tinha um grupo que eu gostaria de fazer competir mas o CETE não tinha uma associação. Então eu falei com os pais e eles se filiaram a Federação através do União e a gente competiu pelo União esse primeiro campeonato.

R.C. – Lembra que ano foi isso?

M.B – Só procurando as fotos, não consigo, não me lembro. Eu sei que deve ser, certamente deve ser 1976 em diante até 1980 mais ou menos, deve ser nessa época.

¹⁴ Instrumento utilizado na Ginástica Rítmica.

¹⁵ Centro Estadual de Treinamento Esportivo do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Federação Riograndense de Ginástica.

R.C. – Certo. E depois desses campeonatos, o União, provavelmente a Federação começou a crescer e a ginástica no Estado também. Quais foram as tuas outras passagens por Clubes?

M.B. – Eu fui convidada através da professora Zelira Eichenberg para substituir ela no Colégio Anchieta, visto que ela foi promovida e foi chamada para trabalhar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul na ESEF¹⁷ e não podia pegar todos esses horários, então ela me convidou para o Anchieta. O Anchieta era uma escola que tecnicamente tinha tudo do bom e do melhor, acho que tem ainda, mas na época para mim foi uma surpresa. Ver toda aquela aparelhagem, uma sala só para mim, som a disposição, aparelhos de ginástica rítmica de tudo que é tipo. Então foi assim como se eu tivesse entrado no paraíso, então esse meu trabalho lá foi uma coisa muito forte que me ligou mesmo na associação. A gente fez alguns trabalhos, algumas competições pela associação do Anchieta, mas o investimento depois, a Federação começou a ficar muito forte. Então como eu sou muito cara de pau, eu fui na SOGIPA¹⁸ com a cara e a coragem e disse que eu tinha uma equipe, que como era um clube de ginástica e sendo tão bons na ginástica artística que na época se chamava olímpica, eu achei que seria bom... Então eu levei fotografias, levei uma porção de coisas. Olha, me contrataram e praticamente a equipe do Anchieta foi para lá e então com o nível de esporte, com o nível de competição e tudo mais em seguida eu introduzi as escolinhas porque o objetivo era que a SOGIPA que já trabalhava a nível de escolinha com os outros esportes também tivesse a escolinha de ginástica rítmica. E foi uma coisa muito bem aceita, rapidinho a gente ficou com muita gente e os frutos começaram a dar, a gente começou a ganhar muita coisa, fazendo nosso espaço na Federação, tendo alguns títulos e principalmente, acho que foi uns dois anos, eu já não conseguia trabalhar sozinha. Eu tive que ter gente que trabalhasse comigo, começamos tecnicamente a usar professoras de balé, mas tarde preparador físico porque o técnico de ginástica rítmica ele tem que preparar fisicamente, tecnicamente com a dança clássica, e fica muito difícil se tu quer um alto nível. E era isso que eu queria, minha meta era ter uma grande equipe e eu tive uma grande equipe.

R.C. – A sua entrada na SOGIPA já foi nos anos 1980 ou ainda foi na década de 1970?

¹⁷ Escola de Educação Física.

¹⁸ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

M.B. – Não, foi já nos anos 1980.

R.C. – Certo. Eu soube que tu teve uma passagem pelo Internacional¹⁹...

M.B – O Internacional foi uma coisa incrível. Por isso que eu digo que as coisas acontecem quando tem que acontecer, não adianta, a gente não manda no destino. Quando as minhas equipes estavam, na flor, que estava assim, “bom agora nós vamos...” É aquilo que eu te disse, nós não tínhamos patrocinador. Quando o investimento fica muito grande, por exemplo, passagens nacionais, passagens internacionais, porque as meninas começavam ter resultados importantes para o Brasil e tinham que participar, porque participando de competições... Porque não adianta só o técnico estudar, o atleta tem que vivenciar essas coisas, porque se não, ele não vai melhorar. Quando eles participam o resultado é imediato, porque eles passam para aqueles que não vão. Aqueles que ficam no clube, em seguida também já tem uma passagem. Por isso que, os estágios, as competições tem que ser uma coisa muito participativa, um investimento muito grande do clube e que não estava acontecendo no momento porque, sei lá eu. Eu entendo que o clube tem várias modalidades ou, as vezes, também tem fases, fases econômicas de clubes, outros tipos de investimentos, prioridades e tudo assim. Eu acho que isso, infelizmente ou felizmente, eu não sei, para mim foi difícil porque era o momento em que as gurias começariam a ganhar e eu não tinha o chão. Porque até então na SOGIPA a gente, os pais das meninas faziam muitas atividades, o clube permitia a gente fazer atividades, fazer almoço para poder manter o nível, manter aparelhos de qualidade e tudo mais. Mas não passava, nós éramos chamados para competições importantes e não podíamos ir. Então isso, patrocinador é uma coisa muito difícil, consegui alguns patrocinadores para algumas ginastas campeãs, as mais importantes, mas em uma equipe são doze, treze, quer dizer, não podia. Então num bate papo, como este que estou fazendo contigo agora, um colega meu disse: “Mas porque tu não procura um outro clube? Um clube que não tenha ginástica, quem sabe eles vão te dar uma mão”. E me apresentaram o senhor Gilberto Medeiros, que era então presidente do Internacional, e eu sou colorada²⁰, mas eu nunca pensei que isso ia sair alguma coisa. O que eu estou dizendo para ti eu disse para ele, e ele disse: “Vamos marcar uma reunião e tu

¹⁹ Sport Club Internacional.

²⁰ A torcida do Sport Club Internacional se denomina “colorada”.

vai me mostrar o que é essa ginástica”. Eu levei uma porção de coisas, na época não tinha vídeo não tinha DVD, não tinha nada disso. Então eu levei algumas coisas que eu tinha, resultados delas, da Federação e tudo mais e ele disse assim: “Eu não posso te dar o ginásio, mas eu posso te dar horários, é um ginásio público, essas meninas eu não sei se vai dar não vai dar”. Então ele nos deu uma sala no Gigantinho²¹, onde nós tínhamos o nosso departamento, bem organizado, eu tive ajuda da minha querida Nadja Brandão e do senhor Guimarães²² que foram pessoas assim, meu braço direito e esquerdo. Eu tinha que pensar na técnica, nas ginastas e eles pensavam no resto. Eu fiz uma grande equipe também de professores, eles me ajudaram muito. Marta Azevedo que era já atleta grande, como elas chamam, ela pegou realmente a paixão, pegou as pequeninhas, fez uma equipe maravilhosa, nós tínhamos escolinha. Professora Joice Flores também que foi para lá, professora Zelira, uma equipe já pensando grande. E não deu outra, por que a gente ganhou tudo e mais alguma coisa.

R.C. – A nível estadual e brasileiro?

M.B. – A primeira coisa que eu fiz, aliás que eles fizeram por mim no Internacional, eu expliquei a dificuldade da gente ir para o exterior. Ele só me disse assim: “Passagem aérea não é problema, eu tenho problema de um bom ambiente para as meninas porque o Gigantinho é aquilo que é, é muito usado...”. Eu digo: “Isso não tem problema”. Eu tinha gente que vinha, mães que vinham ajudar a limpar, arrumar, mas nós tínhamos um apoio financeiro principalmente no deslocamento das meninas, que era a coisa importante. Que não barrava o nosso crescimento. Isso foi em 1984, isso eu me lembro muito bem, eu disse para o presidente Gilberto Medeiros: “Meu sonho, um dia é chegar em uma Olimpíada, não sei se eu vou chegar, mas eu tenho esse sonho, eu vou atrás dele, vamos ver o que vai acontecer”. Ele disse assim: “E por que tu não vai ver como é uma Olimpíada?”. E eu digo: “Como? vai ver como é uma Olimpíada?”. E ele: “Não, 1984, agora vai ter Los Angeles²³”. E eu digo: “Mas presidente falta um mês”. E ele: “Dá tempo de arrumar as malas e pegar passagem”. Eu quase morri. Então, lógico que ele me deu a passagem, eu tinha que me virar com o resto, mas a providencia já foi muita e eu tinha uma prima que estava morando em Los Angeles naquele período. Não deu outra, fui, participei, assisti

²¹ Ginásio esportivo do Sport Club Internacional.

²² José Luiz Guimarães.

tudo de bom, foi um crescimento muito grande e isso foi aquilo que empurrou o resto do trabalho no Internacional que seria o resultado da SOGIPA, só que nós não tivemos esse investimento da SOGIPA. Eu não culpo a SOGIPA por isso, mas eu acho assim, no momento em que nós iríamos dar os frutos, que explodiu a equipe, eu digo todas as equipes, nós estávamos em primeiro lugar em quase todas as categorias, então isso foi o fruto do nosso início do trabalho na SOGIPA que eu achei um pecado, mas as meninas estavam ali e tinham feito muito sacrifício para chegar onde elas estavam. Então eu não achava justo que ela não tivessem aquele resultado que elas mereciam, e foi o que aconteceu, nós fomos para o Internacional, ganhamos um monte de coisa a nível nacional, uma época nós ganhamos todas as categorias do campeonato nacional...

R.C. – Tu lembra o ano?

M.B. – Não me lembro o ano, eu acho... Tu vê, se eu entrei no Internacional em 1984, 1985... Acho que 1985 ou 1986.

R.C. – E essas atletas que eram do Internacional, todas vieram da SOGIPA ou tu criou uma equipe nova?

M.B. – Digamos assim, eu me apresentei para a equipe principal e disse que elas estavam no ponto de dar resultados e que precisavam de investimentos, e que eu tinha conseguido um clube para isso. Se elas estivessem de acordo eu trocava de clube, mas eu não iria sem elas. Eu estou falando da equipe principal, com os pais juntos. Daí eles disseram: “Nós vamos”. Algumas tinham irmãs menores, sabe? Aquelas coisas assim. Era justo eu ter mobilizado tantos pais, com todas as outras categorias que eu dissesse o que ia acontecer. Digo: “Não obrigo ninguém a ir comigo”. Todo mundo morava por aqui, quer dizer ir treinar no Internacional, não era fácil. As condições de treinamento, o ginásio da SOGIPA uma maravilha, o ginásio do Internacional era o Gigantinho, era aquilo que nós tínhamos, mas foi uma coisa impressionante. Todo mundo se “socou” na salinha do Internacional e a coisa foi, e os resultados foram maravilhosos. Lógico que isso é muita pressão, porque eu era responsável, qualquer coisa que andasse bem ou mal era responsabilidade minha, mesmo que eu tivesse outros treinadores que foram comigo. Mas é muito bom ser chefe,

²³ Jogos Olímpicos de Los Angeles, Estados Unidos.

mas a culpa é sempre do chefe. Então isso foi uma coisa difícil de passar, mas passou. Deu certo, porque quando a gente está seguro daquilo que está fazendo e fazendo claramente, que as pessoas saibam o que está acontecendo, foi o que eu fiz e que é que interessava essas coisas. Os pais das minhas ginastas, eles sempre souberam tudo que eu iria fazer antes. Então se eles me apoiavam, eles estavam sabendo o que poderia ou não acontecer.

R.C. – Nessa passagem da SOGIPA para o Internacional, alguma professora continuou dando aula na SOGIPA?

M.B. – Eu acho que sim. Me parece que começou a dar aula, que era uma das minhas ginastas, foi então que eu acho que a Juliane Andreis que começou a dar aula na SOGIPA. Muito apoiada por mim, porque ela foi uma atleta muito boa... E fez ginasta, e fez equipe. Treinou Dolores Capurro, que foi uma das grandes ginastas brasileiras. Isso foi uma coisa muito forte. Teve algumas ginastas minhas que não foram para o Internacional, porque os pais não quiseram. Mas eu achei, isso é o livre arbítrio de cada pessoa.

R.C. – Certo. Como era a quadra oficial nessa época assim, da década de 1980?

M.B. – Quadra? Tu quer muita coisa. Então, nós tínhamos uma tira, porque a quadra oficial da ginástica rítmica é de 12X12. Então nós mandamos fazer de plástico uma tira 12x12, colocava o quadrado e o chão era aquilo, o que desse. Parquêt, cimento, grama o que a gente encontrasse, só colocava as tirinhas para o pessoal não se perder e o resto era isso. Ou então, as vezes quando não dava tempo a gente colocava uma sacola nos quatro cantos e marcava a quadra assim. Se treinava com joelheiras, se colocava as vezes uma joelheira dentro da malha de treinamento para não machucar tanto a coluna. Nós fizemos uma vez eu me lembro, um coletinho de esponja, a gente usava tipo mochila e aquilo era para treinamento porque, por exemplo, lá na SOGIPA a gente ainda tinha colchão, para treinar o movimento a gente utilizava colchão, que também na SOGIPA era a tira de plástico marcando 12x12 que a gente ainda não tinha tapete. E isso foram as diferenças de trabalho e de muita técnica, eu não sei como é que essas gurias hoje com tudo que essas meninas tem, elas não conseguem fazer certas coisas. Nós que não tínhamos nada, eu fico impressionada, porque eu particularmente, fisicamente eu posso dizer que as ginastas hoje tem um nível incrível, também pelas horas de treinamento, mas o que as nossas meninas

conseguiam com pouquíssimo treinamento, porque não é que não podia se dedicar completamente, e com nenhuma condição de não se machucar, de não escorregar. Eu fico impressionada.

R.C. – Hoje em dia as condições são outras...

M.B. – As condições são muito melhores... Lógico que tem que melhorar, e assim mesmo olha, as vezes eu coloco... Fico com as minhas dúvidas entendeu? Porque eu não sei... Esses atletas amadores que passam mais trabalho, para mim eles conseguem ir mais longe, eu penso assim.

R.C. – Nessa época já existia um código de pontuação da FIG²⁴?

M.B. – Já existia.

R.C. – E o vestuário das ginastas como era?

M.B. – Então era malha ou “*bob*” eu não sei como chamam aqui, que atualmente eu já misturo o italiano com o português. Mas a malha de ginástica não podia ser muito decotada, não podia se ter brilho, não podia ter paetê, que agora tudo é com paetê, não podia ter nada preso na malha tipo um pregador, uma coisa para enfeitar, nada, era tudo malha inteira, tecido. E usava meia, uma meinha sem pé, que as mães as vezes tinham que cortar o pé e costurar para usar a meinha, que hoje já tem meia sem pé.

R.C. – Nessa década de 1980 tu lembra quais eram os outros clubes que existiam na modalidade que competiam...

M.B. – Aqui no Rio Grande do Sul?

R.C. – Isso.

²⁴ Federação Internacional de Ginástica.

M.B – No Rio Grande do Sul era o União, SOGIPA, Internacional... Eu acho que o Anchieta chegou a competir pela Federação mas muito pouco, muito pouco porque as ginastas da SOGIPA eram as ginastas do Anchieta. Realmente o objetivo da Associação do Anchieta não era participar de grandes coisas da Federação. Como o esporte cresceu e a treinadora era a mesma, que era eu, então nós optamos pela SOGIPA por poder se expandir como clube.

R.C. – No União qual era a treinadora?

M.B. – No União era a Vera...

R.C. – A Vera Angheben?

M.B. – É.

R.C. – Certo.

M.B. – E praticamente eu acho... A Vera veio com o Colégio Americano²⁵, praticamente as ginastas da escola vieram, as melhores lógico, vieram para o Grêmio Náutico União.

R.C. – E nessa época, ainda falando em década de 1980, quais foram as atletas que se destacaram no Rio Grande do Sul, podendo ser do Internacional, da SOGIPA, no UNIÃO. Quais foram as atletas?

M.B. – Bah! Se eu tivesse o meu livrinho aqui eu ia te dizer. Bom! Eu sei assim que o primeiro nível de atletas que competiram na Federação era ainda dos JABs²⁶, as melhores equipes do JABs, que eram do Anchieta e do Americano, que no caso era com a professora Zelira e a professora Vera Lúcia. Depois nós continuamos participando dos JABs, mas já com atletas minhas também do Centro Esportivo, do CETE. E essas começaram também a participar de competição de Federação, eu acho que as atletas que se sobressaíram mais, não gosto de dizer mentiras, porque eu tenho muito ginasta na cabeça, mas a época fica

²⁵ Colégio Metodista Americano.

²⁶ Jogos Abertos Brasileiros.

difícil saber quem seriam as primeiras. Eu sei que, por exemplo, que eu acho que participou também de Federação, a Regiane Severino²⁷, Marta Azevedo, depois mais tarde Simone Soares. Antes dessas tinha a Yara Blanco Pinto²⁸ que depois ficou treinadora do União, também teve grandes resultados, outra era a Ana Maria Pinto²⁹ que é irmã da Yara que também foi uma grande ginasta de bastante resultados. No Internacional então, que eram de uma geração mais nova, foi Renata Mariotto Ferreira, Márcia Guimarães, teve também as ginastas... Estou falando individualmente, Nadine Brandão... Hoje eu não sei se tem outra ginasta que ganhou uma competição internacional como ela...

R.C. – Qual foi a competição que ela ganhou?

M.B. – Ela ganhou o torneio na Nova Zelândia³⁰, categoria juvenil. E ali tem uma passagem muito bacana que surpresa foi tão grande que eles vieram me pedir o hino, por que como ela ganhou o geral, tocava o hino quando ela fosse premiada no dia seguinte. Eu não tinha o hino do Brasil, nunca imaginei que iria tocar o hino do Brasil, a professora Elisa Resende³¹ do Rio de Janeiro que tinha a categoria adulto, também a Rosane D'Ávila³² participaram de grandes competições ela disse assim: Eu não tenho, tu acredita que eu não trouxe, então vamos fazer o seguinte. Porque quem ganhou do adulto foi uma menina da Nova Zelândia, então ela disse assim: “Vamos falar com a técnica da Argentina”. Por acaso a técnica da Argentina tinha uma fita com todos os hinos sul americanos e ali salvou. Porque a gente andou até a embaixada, mas achar os embaixadores aquela hora do sábado á noite, não tinha como abrir a embaixada. A gente conseguiu através da técnica da Argentina emprestado o hino nacional, foi numa coisa emocionante. A Nadine nem sabia o que estava acontecendo com ela, ela tinha 12 anos e foi assim uma coisa maravilhosa.

R.C. – Ela foi a única aqui do estado que foi para essa competição?

²⁷ Nome sujeito à confirmação.

²⁸ Yara Regina Blanco Pinto Zamberlan.

²⁹ Nome sujeito à confirmação.

³⁰ Torneio Kiwi Internacional em Auckland, na Nova Zelândia em 1986. Nadine foi campeã individual na categoria júnior.

³¹ Nome sujeito à confirmação.

³² Nome sujeito à confirmação.

M.B. – Não. Foi a Veruska Pires que também é minha do Internacional e a Fernanda Sibemberg do União e naquela época eu fui como técnica da Seleção.

R.C. – Certo. Lembra em que ano foi essa competição na Nova Zelândia?

M.B. – Nova Zelândia. Vamos fazer um cálculo, porque 1984 estava no Internacional, 1985 nós ganhamos, eu acho que foi 1986. Por que 1987 teve o campeonato na Bulgária³³, que é o Campeonato do Mundo.

R.C. – Que tu foste também?

M.B. – Fui também.

R.C. – Foi com atleta ou foi...

M.B. – Não, fui treinadora da seleção brasileira no sentido que nós trabalhamos esse campeonato a gente fez o campeonato brasileiro que foi aqui. A SOGIPA já era campeã brasileira do ano anterior. E a gente fez uma equipe junta com a FEF³⁴ de Londrina. Então como eu tinha só duas ginastas tinha a Renata Mariotto e a Márcia Guimarães na seleção brasileira. E a treinadora que era a Elisabeth Laffranchi³⁵, ela era uma das únicas juízas internacionais. Então para nós, era muito melhor que ela fosse como juíza do que técnica. Então ela me convidou, e eu assumi a equipe de conjunto e a professora Elisa Resende equipe individual.

R.C. – Certo. Então tu foi como técnica de conjunto e a Márcia Guimarães foram como atletas do conjunto. E não teve nenhuma atleta do individual do Rio Grande do Sul nessa competição?

M.B. – Do Rio Grande do Sul não.

R.C. – Certo. Teve mais algum evento importante que vocês participaram?

³³ Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica, em Varna, na Bulgária.

³⁴ Faculdade de Educação Física, não foi possível confirmar de qual instituição.

M.B. – Posso te dizer que em 1980... Bom, 1987 foi um ano assim que nós não sabíamos para que lado ir de tanta competição importante. A minha equipe foi convidada pela Federação para representar o Brasil no campeonato Konica Cup em Nova York, também foi uma coisa maravilhosa, foi um campeonato muito importante e eles fizeram questão que o Brasil fosse, por que lógico, a Konica Cup era um campeonato internacional patrocinado, vê como eles fazem os americanos, eles convidaram os melhores do mundo, no caso lógico não era o Brasil, mas o Brasil naquela época era o melhor da América do Sul. Então eles convidaram as melhores, foi a Bulgária, foi a China, foi o Japão, que na época incomodava bastante, tinha Estados Unidos lógico e nós como sulamericanos. Então foi uma competição muito bacana, para as nossas meninas foi uma experiência maravilhosa e era assim tudo patrocinado, desde a passagem do Brasil para os Estados Unidos. Foi tudo patrocinado para todas, desde as passagens de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Nova York. Fizemos treinamentos juntos lá, que eu achei fora de série, treinamentos de aquecimento junto com todo mundo, foi uma competição muito instrutiva. Uma das coisas que era o compromisso que nós tínhamos é uma apresentação das ginastas na ONU³⁶ isso para mim também foi uma coisa muito bacana que aconteceu por acaso, mas eu achei genial. Nós estávamos nos Estados Unidos no Dia de Ações de Graça, então os grandes ricos, tipo Rockefeller³⁷ davam um cheque, sabe que americano tem mania de dar cheque grande para doação para a ONU. E eles davam no saguão da ONU onde era preparado para eles um coquetel e nós tivemos que nos apresentar ali, colocamos as nossas listrinhas no chão e todo mundo se apresentou, não somente nós, tinha China, Japão, Estados Unidos, todo mundo se apresentou e o que aconteceu? A gente teve que organizar uma coreografia de um dia para a noite, a gente se lembrou que nós fomos para Ouro Preto³⁸ e eu, eu digo: “Vamos supor que eu queira tirar uma foto bonita em Nova York”, mandei as meninas levarem as malhas que eram verde, amarela, azul e branco com as lantejoulas e a música que foi feita numa escola de samba aqui em Porto Alegre que era só percussão, era muito bonita. Nós tínhamos umas bolas pretas e ao invés de usar a malha de competição nós usamos as malhas com lantejoulas com as cores do Brasil. Digamos que o coquetel era de um lado e nós estávamos do outro, então se apresentou Estados Unidos, era

³⁵ Bárbara Elisabeth Laffranchi.

³⁶ Organização das Nações Unidas.

³⁷ Família americana muito influente e rica.

³⁸ Cidade de Minas Gerais.

assim pessoal com copo na mão, se viravam para olhar nós se apresentando. Quando chegou o conjunto do Brasil as pessoas pegavam e se viravam como elas faziam antes e começaram a chegar perto do cercado que eles fizeram para não invadir a quadra. E começaram a chegar, quando terminou o pessoal acompanhava o ritmo da música, eu estou falando de gente graúda, e foi... Bom! [ênfase]. Eu estava feliz da vida por que o pessoal aplaudiu como não aplaudiu as campeãs. Mas eu acho que a gente se comunicava muito...

R.C. – Emocionou...

M.B. – Emocionou. Em seguida veio aquele que dirigia o nosso trabalho, ele disse assim: “Por favor, vocês tem que apresentar de novo”. Eu digo: “O que?” e ele disse “Olha, eles estão pedindo, vocês vão ter de fazer isso”. E quem veio, foi o presidente da Konica por que os hospedes tinham gostado muito e a gente apresentou de novo. Eu chorei o tempo todo. (risos). Foi genial.

R.C. – (risos). Quais foram as atletas que fizeram parte dessa apresentação no Konica Cup?

M.B. – Eu posso pegar uma fotografia?

R.C. – Pode e depois tu me passa os nomes, não tem problema...

M.B. – Sim. Eu tenho todos os nomes, porque eu tenho a foto³⁹...

R.C. – Não tem problema nenhum... Como eram os aparelhos utilizados nessa época? Por que aconteceram mudanças nos arcos, nas maçãs, nas bolas, na questão dos materiais.

M.B. – Digamos que no inicio os arcos eram muito pesados e eram feitos de um plástico, eu sempre digo, plástico dos canos Tigre, por que era um plástico que conforme batia muito no chão pelos erros da repetição dos exercícios ele estourava. Porque os arcos precisavam ter um peso oficial, porque ai já trabalhávamos a muito tempo com o código da Federação Internacional. Então a gente usava arcos com medidas e pesos, todos os

³⁹ A foto citado está disponível no trabalho de Roberta Cassel no seguinte endereço: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70306/000875657.pdf?sequence=1>.

aparelhos com medidas e pesos. A bola brasileira era impossível de trabalhar num nível mais elevado porque até hoje se usa bola japonesa, porque eles tem um material, como todo japonês, eles exploram e não contam para ninguém que não tem bola brasileira boa até hoje que já tem muito material bom, tão bom quanto aquela. Porque realmente são todos aparelhos de melhor qualidade, a fita é boa, os estiletes são excepcionais. Então, a Alemanha começou, porque a Alemanha tem os melhores aparelhos de ginástica artística, ela começou a trabalhar também, mas a técnica e a qualidade do aparelho de rítmica não é nem perto do japonês.

R.C. – Tu chegou a usar arco de madeira e maçãs de madeira?

M.B. – Maçãs de madeira sim, arcos não. Arcos só nas escolinhas, mas as nossas equipes já trabalhavam... A gente mandava vir, saia um monte de dinheiro, tinha aluna minha que pedia para o pai, “todos os presentes que tu vai me dar esse ano me compra bola”, porque custava dinheiro. Quem ia para o exterior trazia, a gente não podia trazer muitas porque a alfândega te pegava e foi difícil, mas o pessoal não queria nem saber.

R.C. – Só para finalizar eu gostaria de saber pela sua passagem por Ouro Preto.

M.B. – Ouro Preto foi genial. Ouro Preto foi também um sonho que não foi completado, eu moro a 22 anos na Itália e fui completar ele na Itália, não foi bem aquilo que eu queria mas em todo caso... Porque foi o primeiro ano que a Federação Brasileira fez um concurso para digamos, fazer com que a ginástica do Brasil fosse bem conhecida. Então nós tínhamos um número determinado de tempo com a música para fazer ginástica rítmica, não interessava o número de participantes e eu fiz uma coreografia com um grupo bem grande das minhas ginastas que a idade variava dos 6 aos 18, eu acho... Não tinha um nível técnico muito alto, mas tinham ginastas que faziam coisas de nível técnico alto, mas o nível geral não era altíssimo, era um show. Eu acho que foi a melhor coreografia que eu penso de ter visto minha, na minha vida. Por que realmente foi uma coisa assim muito diversificada e esse concurso foi em Ouro Preto, Minas Gerais. Toda a preparação foi muito... Se podia usar os paetês na malha, se podia fazer tudo... A ideia que a gente quisesse e a gente ganhou. Como nós ganhamos esse campeonato a gente ficou assim certo que a gente ia poder ir para a Dinamarca que era o prêmio de quem ganhasse esse concurso e a equipe

representasse o Brasil na Dinamarca. Infelizmente isso não deu certo e eu batalhei muito e consegui que então a SOGIPA levasse a Adriana Klein para esse campeonato para deixar digamos assim, o sinal que no Brasil tinha ginástica rítmica também e ela foi, o relatório que ela fez depois foi uma coisa maravilhosa, só que ela foi sozinha. Eu achei uma coisa maravilhosa a menina teve realmente muita fibra, era jovem e foi representando o Brasil... A gente estudou um pouco, eu ajudei ela a fazer uma coreografia para aquilo, ela se virou em vinte porque ela fazia tudo e foi sozinha. Eu achei assim, por parte da federação eu achei uma negligência muito grande, mas as vezes a gente não sabe o que acontece, porque nós todos no esporte amador trabalhamos com tão poucas condições. E ela quis e ela foi, o clube mandou e isso já foi de bom tamanho. Mas eu acho que a equipe do Brasil realmente foi aquela que ganhou em Ouro Preto não pôde participar. O que a gente pode fazer? As vezes acontece.

R.C. – Mas essa equipe que ganhou em Ouro Preto era do Internacional e a atleta que foi para a Dinamarca foi da SOGIPA...

M.B. – Porque como a gente não tinha condições de ir, na minha ânsia que a ginástica fosse representada... Nessa época eu na Federação, já era diretora da ginástica rítmica da Federação eu ofereci para todos os clubes e a SOGIPA aceitou, porque o tempo que tinha para decidir era muito pouco e a coisa aconteceu.

R.C. – Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

M.B. – Eu acho... Até como os treinadores que vieram antes de mim, eu tive a felicidade de ter a paixão por este esporte e talvez bastante sorte também, porque eu divulguei esse esporte, eu comecei esse esporte também no Peru, através de um convite da Federação para preparar a equipe para o Campeonato Sul Americano no Peru que eles não queriam... Porque eles não tinham ginástica rítmica e não queriam só participar do campeonato com a ginástica artística. Então esse trabalho de implantação no Peru me deu uma bagagem muito grande para ser mais fácil o meu trabalho aqui, trabalho de equipe, trabalho de mais treinadores. Era um trabalho de equipe, depois que eu sai do Internacional, porque a SOGIPA não me largou, queria que a equipe voltasse a gente voltou, mas a equipe já tinha passado o momento dela, nós começamos de novo. Porque um atleta de alto nível ela fica

um período no alto nível. E eu acho que isso não é só para o atleta, eu acho que o treinador também e o desgaste é muito grande, então depois tem que recarregar as baterias e começar de novo. Depois quando chegaram os anos 1990 também me convidaram para o Canadá para fazer a mesma coisa num clube no norte do Canadá, eu não sei como é que com tanta gente lá vieram buscar uma brasileira. Talvez por não ter família e por ter disponibilidade, isso influi, porque, as vezes as pessoas não vão porque tem família tem filhos e naquela época não tinha e pude fazer isso aí. Quando estavam todos estruturados de novo na SOGIPA eu fui para a Itália, mas a equipe continuou e a ginástica rítmica está indo. Eu acho que tudo na vida começa, termina, começa de novo, como eu comecei de novo na Itália.

R.C. – Então está bem Valéria, agradeço em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte da UFRGS.

M.B. – Muito obrigado, obrigado vocês.

[FINAL DA ENTREVISTA]